

EMPREGO DOS DIMINUTIVOS EM XIRONGHA (BANTU, TSONGA)[✓]

179

Ricardo Campos de CASTRO¹
Natália Alves ANTUNES²
Tânia Diniz Ottoni VALIAS³

[✓] Artigo recebido em 30 de março de 2017 e aprovado em 05 de maio de 2017.

¹ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Brasil. E-mail: <ricardorrigo@uol.com.br>.

² Graduanda em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Brasil. E-mail: <antunes.alves.natalia@gmail.com>.

³ Graduanda em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Brasil. E-mail: <taniavalias@hotmail.com>.

EMPREGO DOS DIMINUTIVOS
EM XIRONGHA (BANTU, TSONGA)THE FORMATION OF DIMINUTIVES
IN XIRHONGA (BANTU, TSONGA)

RESUMO

O objetivo deste artigo é examinar e descrever as construções diminutivas na língua Xirongha, a qual pertence ao grupo linguístico Bantu. Mostraremos que, nesta língua, a diminutivização pode ser realizada por meio de duas estratégias básicas, uma morfológica e outra lexical. A primeira consiste no emprego dos morfemas circunfixais {*xi*-.....-*ana*} e {*svi*-.....-*ana*}. Essas unidades gramaticais denotam diminutivização no singular e no plural, respectivamente. Assumimos que, de modo a atender ao Princípio do Contorno Obrigatório, para a realização da diminutivização no plural, o circunfixo {*svi*-.....-*ana*} é acrescentado aos substantivos no singular e não no plural. Ainda em relação à morfologia, averiguamos os processos fonológicos de diminutivização de acordo com a terminação do tema nominal. Assim, se o nome terminar em *a*, *e*, *i* ocorre elisão; se ele terminar em *o*, *u* o processo é a semivocalização; porém, quando a terminação for *-ana* ocorre substituição. As palavras das classes 7 e 8 apresentam um comportamento especial, uma vez que já possuem o prefixo de classe {*xi*-} e {*svi*-}, singular e plural, respectivamente. Nestes contextos, o primeiro item do morfema circunfixal ({*xi*-/*svi*-}) não é acrescentado ao complexo; evitando, assim, repetições desnecessárias. Contudo, caso o nome pertencente às classes 7 e 8 exiba padrão monossilábico, há acréscimo e repetição dos prefixos {*xi*-} ou {*svi*-} com o intuito de se garantir a estrutura -CVCV- da palavra. Finalmente, no que se refere ao componente lexical, para a formação de palavras diminutas, a língua recorre à palavra *ntrongo* “pequeno” com acepção hipocorística.

Palavras – chave: Línguas Bantu, Rhonga, Morfologia, Diminutivização.

ABSTRACT

The purpose of this article is to examine and describe the diminutive constructions in the Xirongha language, which belongs to the Bantu linguistic group. We will show that, in this language, the diminutivization can be accomplished through two basic strategies, one morphological and the other lexical. The first is the use of the circumfix morphemes {*xi*-.....-*ana*} and {*svi*-.....-*ana*}. These grammatical units denote singular and plural diminutivization, respectively. We assume that, in order to comply with the Obligatory Contour Principle, for the realization of the diminutivization in the plural, the circumfix {*svi*-.....-*ana*} is added to the nouns in the singular rather than in the plural. Also in relation to the morphology, we investigate the phonological processes of diminutivization according to the ending of the nominal theme. Thus, if the name ends in *a*, *e*, *i* occurs elision; if it ends in *o*, *u* the process is the semivocalization; however, when the termination is *-ana* occurs substitution. The words of classes 7 and 8 present a special behavior, since they already have the class prefix {*xi*-} and {*svi*-}, singular and plural, respectively. In these contexts, the first item of the circumfixal morpheme ({*xi*-/*svi*-}) is not added to the complex; thus avoiding unnecessary repetition. However, if the name belonging to classes 7 and 8 exhibits a monosyllabic pattern, there is an addition and repetition of prefixes {*xi*-} or {*svi*-} in order to guarantee the structure -CVCV- of the word. Finally, with regard to the lexical component, for the formation of diminutive words, the language uses the word *ntrongo* “small” with hypocoristic meaning.

Keywords: Bantu Languages, Rhonga, Morphology, Diminutivization.

1 INTRODUÇÃO⁴

A importância do desenvolvimento de estudos como este consiste na criação de estratégias que visem possibilitar a implantação de uma educação bilíngue em Moçambique, já que o Português, língua oficial do país, não é a língua materna falada pela maioria da população. Busca-se também a valorização, a preservação e a documentação das línguas africanas.

Adicionalmente, a relevância dessa pesquisa reside no reconhecimento da necessidade de impedir o desaparecimento da língua de estudo. Tal perda pode ser evitada por meio de sua descrição e documentação linguística. De acordo com Dimande (2012):

Estas e outras acções são necessárias na medida em que concorrem para evitar a perda linguística, o primeiro passo para o desaparecimento dos demais saberes de um grupo, já que a visão de mundo passa necessariamente pela língua. A cerca disto, Mello (1999) assegura que a perda de uma língua significa desperdiçar a oportunidade de obter conhecimentos que poderiam responder a problemas enfrentados actualmente, uma vez que a língua é a chave para o coração de um povo. Por isso, Engholm *apud* Mello (1999), considera que 'se perdermos a chave, perdemos o povo. Se guardarmos a chave em lugar seguro como um tesouro, abriremos as portas para riquezas incalculáveis, riquezas que jamais poderiam ser imaginadas do outro lado da porta' (DIMANDE, 2012, s/p).

A tentativa de possibilitar a criação de ferramentas facilitadoras para um ensino bilíngue, como já mencionado, é uma motivação para o desenvolvimento deste trabalho. Segundo Chimbutane (2011), mesmo depois da independência de Moçambique em 1975, a língua portuguesa manteve seu *status* privilegiado de língua oficial. Já as línguas africanas continuam marginalizadas em suas funções oficiais, como a educação, por exemplo.

No entanto, as transformações sociopolíticas e os fracos resultados educacionais parecem ter desempenhado um papel fundamental na

⁴ O presente artigo faz parte do Projeto de intercâmbio realizado entre a Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em Belo Horizonte, Brasil e o Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane (CEA-UEM) em Maputo, Moçambique. O Projeto chama-se "Descrição e Documentação de Línguas Moçambicanas" e é coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte (UFMG-Brasil) e pelo Prof. Dr. Armino Ngunga (UEM-Moçambique). Além disso, ele é financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES/Brasil), por meio do Edital no 33/2012 (Programa Internacional de Apoio à Pesquisa e ao Ensino por meio da Mobilidade Docente e Discente Internacional – Pró-Mobilidade Internacional).

renovação da discussão e na reconsideração da política de linguagem em educação no país. Em contextos multilíngües como Moçambique, entre outros fatores, é comum atribuir o fracasso acadêmico à falta de proficiência na língua de instrução, geralmente uma segunda língua ou língua estrangeira ao aluno. Nesses contextos, assume-se que o uso de uma língua de família é uma condição necessária para o sucesso escolar, daí a introdução da educação bilíngue. De fato, embora os objectivos sócio-culturais tenham sido evocados oficialmente, o principal objectivo da educação bilíngue em Moçambique parece ser o andaime da aprendizagem de conteúdos portugueses e académicos sobre a língua⁵ (CHIMBUTANE, 2011, p. 3).

Este artigo está organizado em 6 seções. Nesta seção, exibimos a introdução. Na seção 2, apresentamos o conceito de diminutivização. Na seção 3, contextualizamos as Línguas Bantu; como são classificadas, onde estão localizadas e suas principais características. Na seção 4, inserimos uma explicação teórica acerca das classes nominais em Bantu, bem como seu funcionamento. Na seção 5, apresentamos como o fenômeno da diminutivização ocorre na língua Xirongha. Finalmente, na seção 6, apresentamos as considerações finais.

2. DIMINUTIVIZAÇÃO

De acordo com De Belder, Faust & Lampitelli (2014), “translinguisticamente, diminutivos apresentam um comportamento misto em relação a seu significado”⁶. Diminutivo, ou forma diminutiva (DIM) são termos utilizados para transmitir o grau reduzido de um significado básico, a pequenez do objeto ou qualidade do nome, intimidade, carinho etc. Ele é o oposto de um aumentativo. Enquanto muitas línguas aplicam o diminutivo gramatical aos nomes, algumas o utilizam para adjetivos e até mesmo outras estratégias discursivas.

Formas diminutas são muitas vezes utilizadas com a finalidade de expressar afeto. Em muitas línguas, o significado da diminutivização pode ser traduzido como

⁵ Tradução aproximada de: “However, socio-political transformations and poor education outcomes seem to have played a key role in renerating discussion and leading to a reconsideration of the language-in-education policy in the country. In a multilingual contexts like Mozambique, among others factors, it is common to attribute academic failure to poor profiency in the language of intruction, usually a learner’s second or foreign language. In such contexts, the use of a language familiar is assumed to be a necessary condition for school succes, hence the introduction of bilingual education. Indeed, although socio-cultural aims have also been officially evoked, the main purpose of bilingual education in Mozambique seems to be scaffolding pupils’ learning of Portuguese and academic content on the language” (CHIMBUTANE, 2011, p. 3).

⁶ Tradução aproximada de: “Cross-linguistically, diminutives display mixed behavior with respect to meaning.”

“pequeno”, “pequenino” e outros. Diminutivos são usados frequentemente ao se comunicar com crianças. Além disso, pessoas adultas às vezes usam diminutivos em contextos de ternura e intimidade, comportando e falando como crianças e se referindo, afetivamente, a outras pessoas. Nesse uso, diminutivos são termos hipocorísticos⁷ nos termos de Dubois (2001).

Em muitas línguas, a formação de diminutivos por meio do acréscimo de sufixos é um expediente muito produtivo. Como corolário dessa produtividade, todos os substantivos, e não apenas nomes próprios, podem ser diminuídos. O significado básico de diminuição nessas línguas é a pequenez do objeto nomeado. Nesse sentido, as acepções de carinho, intimidade, etc são secundárias e dependentes do contexto.

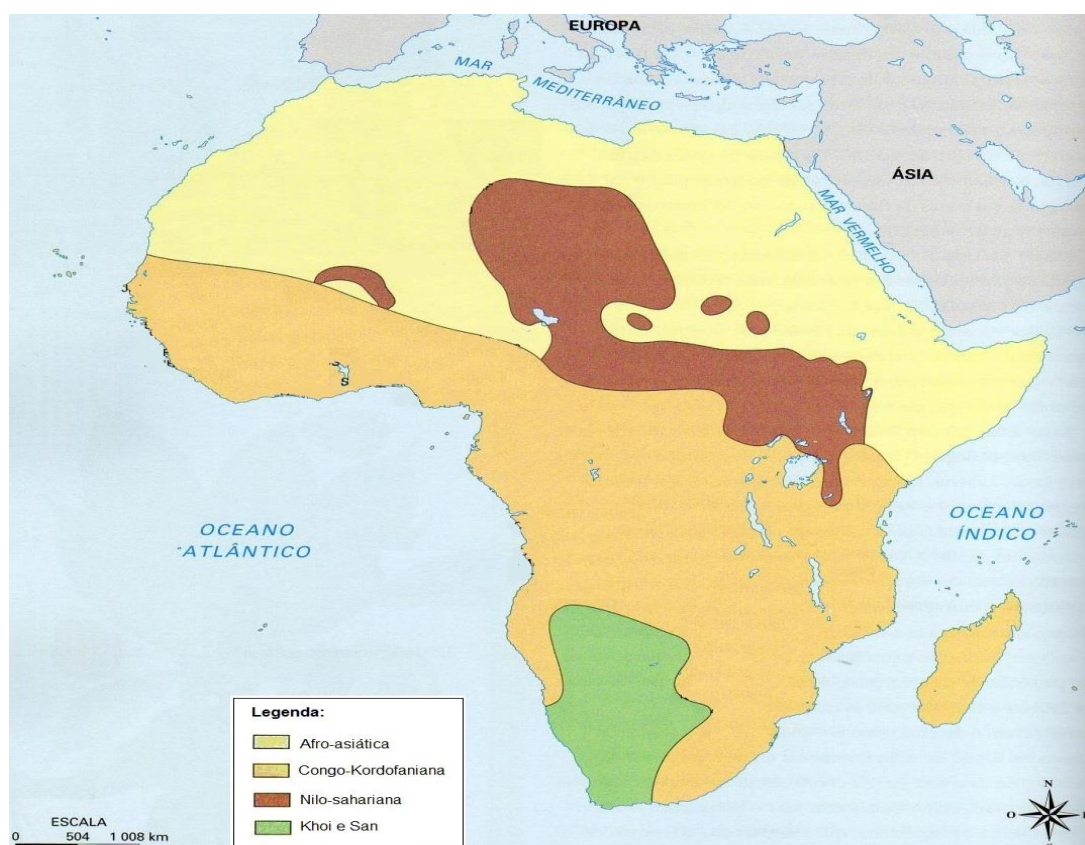
Em Xirongha, esse fenômeno é responsável pela ideia de diminuir a dimensão do nome a que se refere, assim como pela ideia de valor depreciativo ou apreciativo. Nesta língua, a diminutivização pode se realizar morfológica ou lexicalmente. A primeira estratégia se dá por meio dos morfemas circunfixais {*xi-.....ana*} e {*svi-.....ana*}. Essas unidades gramaticais denotam diminutivização no singular e no plural, respectivamente. No componente lexical, a língua utiliza-se da palavra *ntrongo* “pequeno”.

⁷ De acordo com Debois (2001) em linguística histórica, hipocorístico é uma palavra que exprime afeto. São processos hipocorísticos, entre outros, a reduplicação silábica e a utilização de sufixos diminutivos. Exemplos: *titi*, *papá*, *paizinho* etc.

3. AS LÍNGUAS AFRICANAS E O GRUPO DAS LÍNGUAS BANTU⁸

As línguas africanas são classificadas em quatro grandes famílias, segundo Greenberg (1963): (i) a Afro-Asiática, (ii) a Nilo-Sahariana, (iii) a Congo-Kordofoniana e (iv) a Khoi e San. Essas grandes famílias estão representadas no mapa do continente, indicado na imagem abaixo.

Imagem 1: Famílias Linguísticas da África



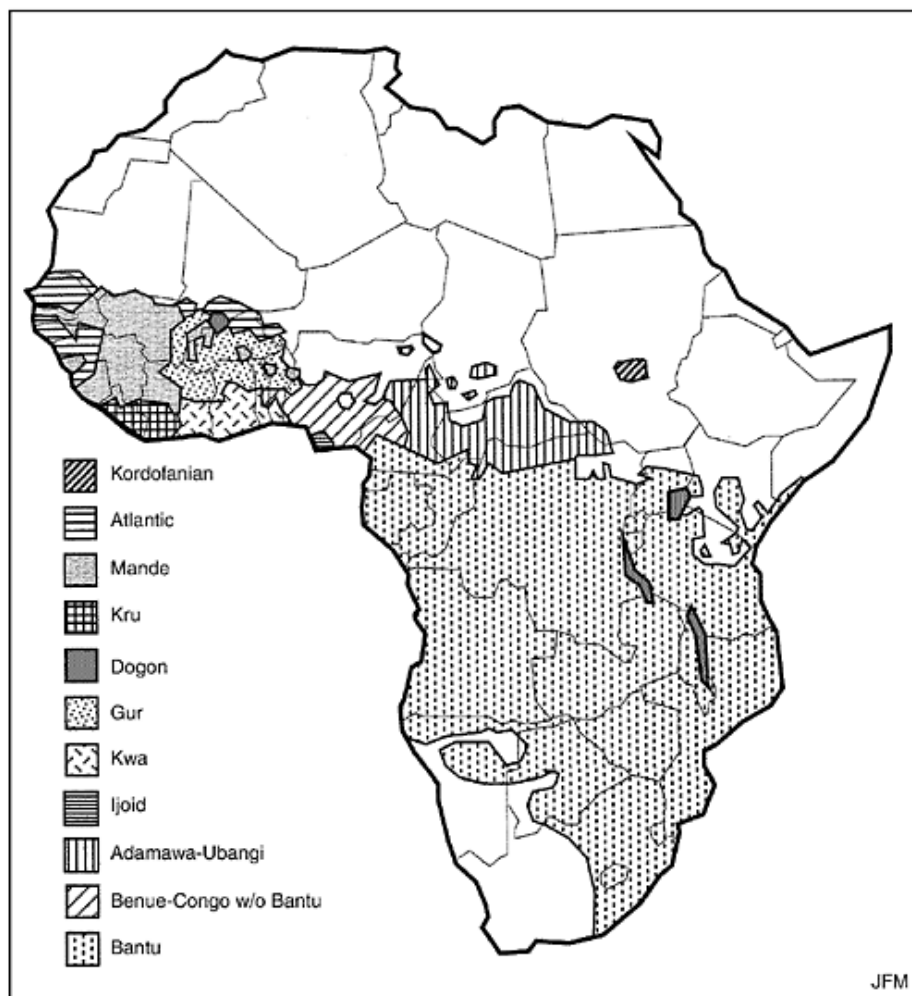
Fonte: Mello e Souza (2013).

Cada uma dessas famílias é constituída por subfamílias que, por sua vez, são divididas em grupos constituídos por diversas línguas. A família Congo-Kordofaniana se subdivide em duas subfamílias: Kordofaniana e Níger-Congo. Essa última é

⁸ Tipologicamente, as línguas naturais podem ser agrupadas em três tipos em relação à sua estrutura interna e características morfológicas pertinentes, são elas: línguas aglutinantes, línguas isolantes e línguas flexionais. Santiago (2001) afirma que as línguas Bantu podem ser consideradas do tipo aglutinante porque “a maioria das palavras são formadas pela aglutinação de morfemas, e cada morfema representa uma unidade significativa, para determinar por exemplo: os substantivos, o gênero, o diminutivo, plural, verbos, etc, ou seja, os afixos se unem “à raiz, porém mantendo a identidade fonológica dos morfemas” (SANTIAGO, 2001, pag. 28).

dividida em vários grupos linguísticos, dentre eles está o grupo das Línguas Bantu. O mapa da imagem 2 apresenta a área em que as línguas Bantu se localizam na família Níger-Congo no território africano.

Imagem 2: Família Niger-Congo



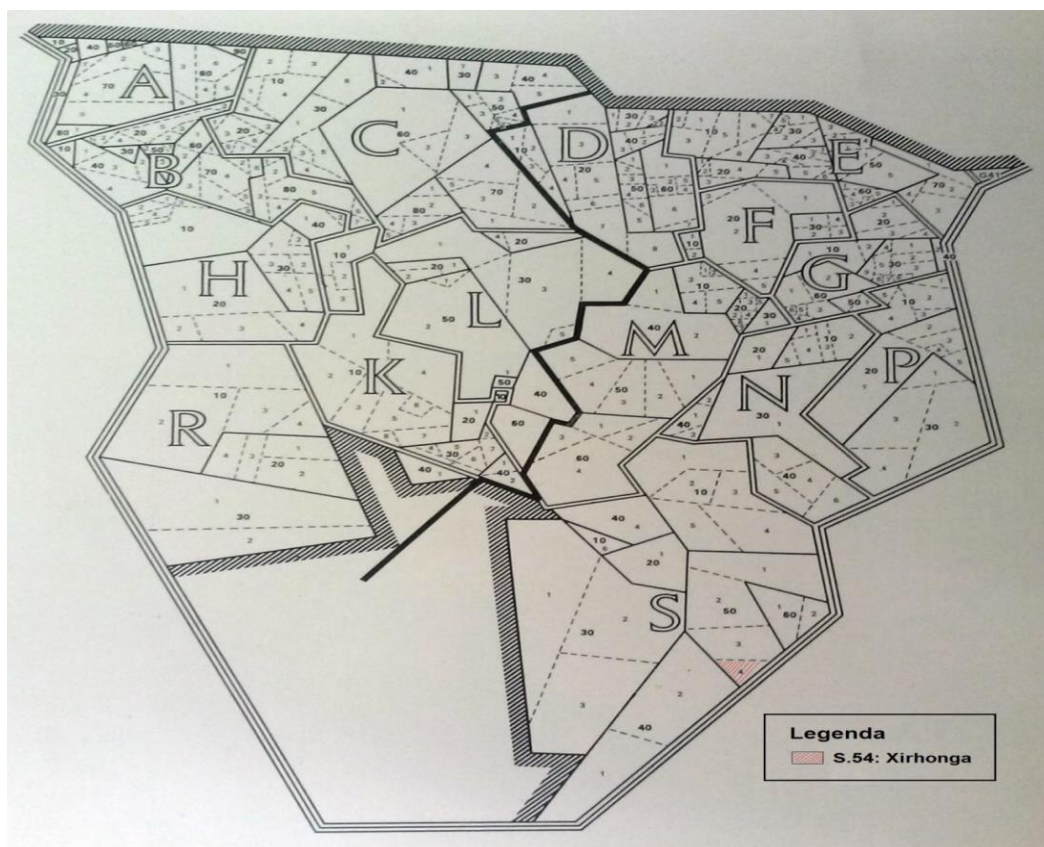
Fonte: Nurse e Philippson (2003, p. 2)

Segundo Ngunga (2004) o grupo Bantu contém aproximadamente 600 línguas faladas por cerca de 220 milhões de pessoas. Além disso, essas línguas são classificadas em um mesmo grupo devido a características semelhantes. Segundo o autor, algumas dessas características perpassam por questões tais como: (i) terem um sistema de gêneros gramaticais que não referenciam à noção de sexo, em que os indicadores de gênero devem ser prefixos; (ii) possuírem classes organizadas em pares. Segundo Ngunga (2004), o grupo Bantu contém aproximadamente 600 línguas faladas por cerca de 220 milhões de pessoas. Além disso, essas línguas são

classificadas em um mesmo grupo devido a características semelhantes. Segundo o autor, algumas dessas particularidades perpassam por questões tais como: (i) terem um sistema de gêneros gramaticais que não se referenciam à noção de sexo, em que os indicadores de gênero devem ser prefixos; (ii) possuírem classes organizadas em pares que, geralmente, opõem o singular ao plural de cada gênero; (iii) serem dotadas de um vocabulário comum a outras línguas, pressupondo uma língua comum de origem e (iv) terem um conjunto de radicais invariáveis a partir dos quais, por meio da aglutinação de afixos, a maior parte das palavras é formada.

O teórico Guthrie (1967-71) classificou tais línguas, geográfica e genealogicamente, agrupando-as em zonas apresentadas pelo mapa abaixo em que se pode visualizar onde o Xirhongha é falado.

Imagem 3: Zonas e grupos de línguas Bantu



Fonte: Guthrie (1967-71).

Em Moçambique, encontram-se hoje 20 línguas Bantu espalhadas por todo o território, contidas nas zonas G, P, N e S. A seguir, apresentaremos a classificação da língua Xirongha como S.54, elaborada por Guthrie (1967-71), conforme a imagem 4 da próxima subseção.

3.1 A língua Rhonga ou o Xirongha⁹

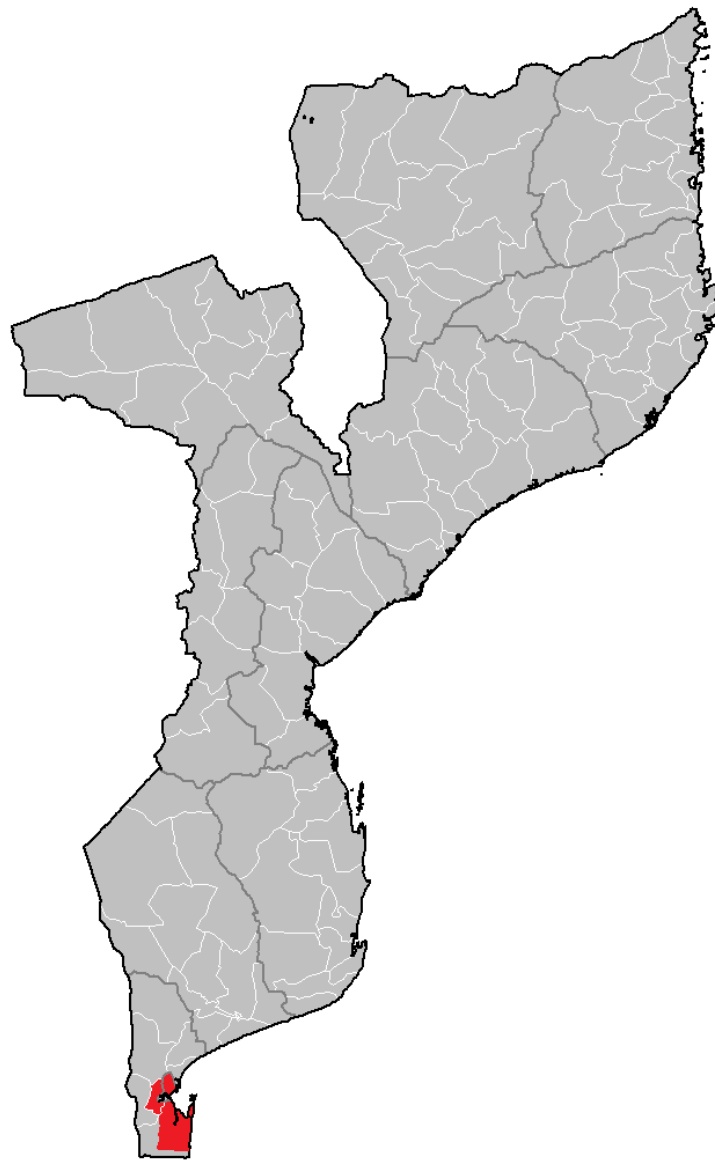
O Xirongha é uma língua falada em Moçambique por aproximadamente 239.307 pessoas. Segundo Bachetti (2006), ela pertence ao subgrupo linguístico Tsonga, juntamente com as línguas Changana e Tshwa. Esse subgrupo está espalhado nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, ao sul de Moçambique, juntamente com outras línguas de outros subgrupos. A língua Xirongha está concentrada principalmente na Província e na Cidade de Maputo.

É importante ressaltar que não é tarefa simples fazer o mapeamento exato da localização de onde a língua é falada, isso ocorre devido ao intenso deslocamento de pessoas cujo início se deu nos tempos das guerras de Moçambique e que permanece ainda hoje por causa da urbanização. O contato entre os povos, impulsionado por sua mobilidade resulta em uma mistura linguística. O Xirongha e o Changana encontram-se hoje muito próximos e inter-relacionados, com misturas e empréstimos entre uma e outra língua, reciprocamente.

De acordo com Bachetti (2006), são quatro as variantes do Xirongha nga, a saber: (i) Xilwandle ou Xikalanga, falada no distrito de Manhiça; (ii) Xinondswana, falada em Marracuene, Maputo, Matola e Boane; (iii) Xizingili ou Xiputru, falada desde kaTembe até Ponta do Ouro e (iv) Xihlanganu, falada em Moamba, sede e parte do distrito de Namaacha. A imagem 4 a seguir, indica aproximadamente a localização em que se fala o Xirongha.

⁹ O termo *Xirongha* pode ser decomposto da seguinte forma: o morfema [**{xi-}** + **radical do nome do povo**]. Tal morfema pertence à classe 7. No contexto em que o prefixo {xi-} coocorre com o radical que se refere ao nome de um povo a acepção do substantivo gerado nesse processo derivacional designará a língua ou o costume desse povo. Mais especificamente, *Rhonga* é o nome do povo e *Xirongha* é a língua do povo *Rhonga*.

Imagem 4: Localização da língua Xirongha



Fonte: Fonte: Guthrie (1967-71).

A variante de referência e que será utilizada para este estudo é o Xinondwana, já que é a de maior abrangência territorial.

4. SISTEMA DE CLASSES NOMINAIS

A noção de classes nominais é de extrema importância para a compreensão dos fenômenos linguísticos nas línguas Bantu, como por exemplo, a criação de formas diminutas. Segundo Heine, Vossen, Lambert & Reh (1982), dois terços das línguas africanas possuem classes nominais. O critério mais importante na subclassificação desse sistema é a divisão entre gênero linguístico, baseado na distinção de sexo feminino e masculino dentro da classe linguística a que pertence. No presente artigo, esta distinção é muito relevante, já que em Xirongha o sistema de classes é baseado na natureza do nome (*nature-based*) e leva em consideração a sua semântica.

O número de classes naturais pode variar entre dois e quarenta. Mais de quatrocentas línguas africanas usam esse sistema; mas, segundo Heine, Vossen, Lambert e Reh (1982), ele é restrito à família Congo-Kordofoniana. O sistema de classes pode também ser distinguido entre marcado e não marcado. O sistema marcado, obrigatoriamente, exibe, no nome, morfologia de classe e pode ser receber sufixos, prefixos, ambos ou a marca pode ser realizada por meio de tons.

Segundo Bachetti (2006), em Xirongha, existem dezesseis classes nominais marcadas por prefixação. Os prefixos das classes nominais provêm, hipoteticamente, de um Bantu Comum reconstruído por Guthrie (1967-71). Como as línguas sofrem alterações no decorrer do tempo, alguns prefixos nem sempre aparecem nos nomes, podendo ser modificados ou até mesmo desaparecer nas classes que indicam singular. No que se referem às classes nominais que indicam plural, os prefixos estão presentes com regularidade. A tabela abaixo compara os prefixos do Bantu Comum com os do Xirongha:

Tabela 1: Prefixos de Classes Nominais

Classes	Prefixos	
	Bantu Comum (Guthier 1967-71)	Xirhonga (Bachetti 2006)
1	*mu-	mu-
2	*ba-	va-
3	*mu-	mu-
4	*mi-	mi-
5	*i-	dri-
6	*ma-	ma-
7	*ki-	xi-
8	*bi-	swi-
9	*N-	yi-
10	*N-	ti-
11	*du-	li-
12	*tu-	_____
13	*ka-	_____
14	*bu-	wu-
15	*ku-	ku-
16	*pa-	ha-
17	*ku-	ku-
18	*mu-	mu-
19	*pi-	_____

Fonte: Guthier (1967-71) e Bachetti (2006).

Além dos dados apresentados acima, há autores que divergem em relação aos prefixos apresentados e sua ortografia. Ngunga (2004) apresenta o prefixo da classe 5 como {/i-} e o prefixo da classe 8 como {/svi-}, e indica a realização da classe 21 com o prefixo {/ji-}. Essas divergências não fazem parte do escopo deste trabalho. No entanto, é relevante o fato de que para todos os autores consultados, as classes 12, 13 e 19 não se realizam em Xirhonga, sendo essas classes tradicionalmente utilizadas na diminutivização de nomes em outras línguas Bantu. O critério utilizado para a designação das classes nominais consiste, via de regra, em agrupar os nomes de acordo com seus traços semânticos, conforme abaixo¹⁰:

¹⁰ Abreviaturas utilizadas neste trabalho: SG: singular; PL: plural; N: neutra; DIM: diminutivo; SUBST: morfema de substituição.

Tabela 2: Classes Nominais Semânticas

Classe	Prefixo Nominal	Denominação	Categoria Gramatical	Significado
1	{ <i>mu-</i> } ¹¹	mu	Pessoas	SG de 2
2	{ <i>va-</i> }	va	Pessoas	PL de 1
3	{ <i>mu-</i> }	mu	Plantas	SG de 4
4	{ <i>mi-</i> }	mi	Plantas	PL de 3
5	{ <i>dri-</i> }	dri	Frutos	SG de 6
6	{ <i>ma-</i> }	ma	frutos e líquidos	PL de 5 e 14
7	{ <i>xi-</i> }	xi	Instrumentos	SG de 8
8	{ <i>swi-</i> }	svi	Instrumentos	PL de 7
9	{ <i>yi-</i> }	yi	animais	SG de 10
10	{ <i>ti-</i> }	ti	animais e coisas longas	PL de 9 e 11
11	{ <i>li-</i> }	li	coisas longas	SG de 10
14	{ <i>wu-</i> }	wu	abstratos e líquidos	N e SG de 6
15	{ <i>ku-</i> }	ku	Verbos	N
16	{ <i>ha-</i> }	ha	Locativos	N
17	{ <i>ku-</i> }	ku	Locativos	N
18	{ <i>mu-</i> }	mu	Locativos	N

Fonte: Bachetti (2006, p. 42)

Diferentemente das demais, as classes 16, 17 e 18, que indicam locativos, podem se manifestar também no meio ou no fim da palavra. O critério semântico de classificação de classes nominais não parece ser capaz de explicar fielmente o agrupamento dos nomes nas suas respectivas classes. Mesmo que haja recorrência de algumas categorias semânticas dentro das classes, são raríssimas as classes em que aparecem apenas nomes que se encaixam perfeitamente nesta categoria. Muitos nomes que deveriam se encaixar em alguma classe *x* pertencem à outra classe *y*, seja por mudanças semânticas ou por substituição de seus prefixos.

Como evidência das asserções acima, há nomes de animais que se encontram nas classes 7 e 8 (que são classes de instrumentos), como é o caso de *xipixi* “gato” e *svipixi* “gatos”, o que contradiz o critério semântico de que os animais se distribuem nas classes 9 e 10. Além disso, as classes 9 e 10 acolhem palavras

¹¹ O prefixo nominal singular da classe 1 (categoria gramatical “pessoas” no singular), a saber: {*mu-*}, tem a variação {*n’w-*}. A motivação para esta variação foge ao escopo deste artigo.

como *yimpi* “guerra” e *tiyimpi* “guerras” que, de acordo com os critérios semânticos, não se enquadram nas classes em que estão alocadas.

5. DIMINUTIVIZAÇÃO EM RHONGA

Nas línguas Bantu, há os prefixos nominais que tradicionalmente desempenham a função de diminutivização, são eles: {*xi-*} e {*svi-*} (classes 7 e 8), {*ka-*} e {*tu-*} (classes 12 e 13) e {*pi-*} (classe 19). Há também os sufixos diminutivos {-*nyana*} ou {-*ana*}, resultantes do processo de gramaticalização de {*-*yana*} que, segundo Dimande (2012), significava “criança” no Protobantu.

Em Xirongha, os afixos descontínuos {*xi-.....ana*} e {*svi-.....ana*} denotam diminutivização no singular e no plural, respectivamente, de acordo com os exemplos abaixo.

(1a) <i>n'wana</i> filho “Filho”	(1b) <i>xi-n'wan(a)-ana</i> DIM.SG-filho-DIM “Filhinho”
(1c) <i>vana</i> filhos “Filhos”	(1d) <i>svi-n'wan(a)-ana</i> DIM.PL-filho-DIM “Filhinhos”
(2a) <i>nguluve</i> porco “Porco”	(2b) <i>xi-nguluv(e)-ana</i> DIM.SG-porco-DIM “Porquinho”
(2c) <i>tinguluve</i> porcos “Porcos”	(2d) <i>svi-nguluv(e)-ana</i> DIM.PL-porco-DIM “Porquinhos”

Observa-se nos exemplos (1) e (2) que o morfema circunfixal {*xi-.....-ana*} é acrescentado à base nominal com o intuito de se produzir a forma diminuta dos itens lexicais *n'wana* “criança” e *nguluve* “porco”. O curioso é que para a realização da diminutivização no plural, via de regra, o circunfixo {*svi-.....-ana*} é acrescentado aos substantivos no singular e não no plural. Mais especificamente, esse morfema descontínuo atribui dois traços distintivos ao nome com o qual coocorre, a saber: [+ DIMINUTIVO] e [+ PLURAL].

Além disso, os prefixos nominais {-va} e {-ti}¹² também portam o traço [+PLURAL]. Nesta linha de investigação, seguindo o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP¹³), não deve haver a ocorrência de traços idênticos em adjacência. Por isso, a língua evita tal redundância, utilizando o circunfixo {svi-.....-ana} juntamente ao tema nominal que já recebera um prefixo singular. Tais afirmações são corroboradas pela agramaticalidade de (3b).

(3a) **tinguluve**
porcos
“Porcos”

(3b) ***svi-tinguluv(e)-ana**
DIM.PL-porcos-DIM
“Porquinhos”

Por outro lado, uma suposta violação ao Princípio de Contorno Obrigatório pode ser vislumbrada por meio do exemplo em (4b).

(4a) **vana**
filhos
“Filhos”

(4b) **svi-vana-ana**
DIM.PL-filhos-DIM
“Filhinhos”

O dado em (4b) parece violar o princípio fonológico já estipulado. Porém a análise pode ser mantida pelo motivo que passamos a descrever. Uma vez que a língua não admite temas cujo padrão seja monossilábico, prefixo de número {va-} é mantido em palavras com menos de duas sílabas e reanalisado como parte do tema nominal. Esse afixo deixa de codificar número e passa a fazer parte do tema, preservando o padrão silábico -CVCV-. Nessa linha de investigação, o morfema circunfixal {svi-.....-ana} pode ocorrer tal como um tema nominal no singular. Nestes contextos, ficará a critério do falante qual forma utilizar, ou com o prefixo de plural {va-}, como em (4b), ou prefixo de singular {n'w-}, com em (1d), repetido em (4c) abaixo:

(4c) **svi-n'wan(a)-ana**
DIM.PL-filhos-DIM
“Filhos”

¹² Prefixos de classe 2 e 10, respectivamente.

¹³ Abreviatura de *Obligatory Contour Principle*. O Princípio de Contorno Obrigatório recebeu esta denominação por Goldsmith (1976), baseado em uma restrição analisada por Leben (1973). Este princípio é uma hipótese fonológica a qual estipula que certos traços idênticos e consecutivos são rejeitados nas representações superficiais.

Assim, os dados em (4b) e (4c) podem ser consideradas paráfrases temáticas nos termos de Baker (1988), porque ainda que existam importantes diferenças entre as duas variantes, as relações semânticas/temáticas se mantêm nas duas variantes. Mais especificamente, expressam a mesma proposição.

5.1 Palavras terminadas em A, E e I

As palavras terminadas em *a*, *e*, *i* sofrem elisão da vogal final ao serem diminutivizadas. Esse processo ocorre para evitar hiatos desnecessários na língua. Dessa forma, o sufixo {-*ana*} é acrescentado na íntegra elidindo as vogais finais, conforme os exemplos abaixo:

A

(5a) <i>wanuna</i> homem “Homem”	(5b) <i>xi-wanun(a)-ana</i> DIM.SG-amigo-DIM “Homenzinho”
(6a) <i>jaha</i> rapaz “Rapaz”	(6b) <i>xi-jah(a)-ana</i> DIM.SG-rapaz-DIM “Rapazinho”
(7a) <i>thanga</i> coxa “Coxa”	(7b) <i>xi-thang(a)-ana</i> DIM.SG-coxa-DIM “Coxinha”

E

(8a) <i>ndleve</i> orelha “Orelha”	(8b) <i>xi-ndlev(e)-ana</i> DIM.SG-orelha-DIM “Orelhinha”
(9a) <i>nenge</i> perna “Perna”	(9b) <i>xi-neng(e)-ana</i> DIM.SG-perna-DIM “Perninha”
(10a) <i>phaphalate</i> borboleta DIM “Borboleta”	(10b) <i>xi-phaphalat(e)-ana</i> DIM.SG-borboleta-DIM “Borboletinha”

I

- | | |
|--|--|
| (11a) <i>mirhi</i>
corpo
“Corpo” | (11b) <i>xi-mirh(i)-ana</i>
DIM.SG- <i>corpo</i> -DIM
“Corpinho” |
| (12a) <i>boti</i>
barco
“Barco” | (12b) <i>xi-bot(i)-ana</i>
DIM.SG- <i>barco</i> -DIM
“Barquinho” |
| (13a) <i>mbuti</i>
cabrito
“Cabrito” | (13b) <i>xi-mbut(i)-ana</i>
DIM.SG- <i>cabrito</i> -DIM
“Cabritinho” |

Os exemplos de (5) a (13) mostram que a diminutivização das palavras em Xirongha terminadas em *a*, *e*, *i* é realizada por meio do acréscimo do morfema circunfixal {*xi-.....ana*}, elidindo-se a vogal final do radical nominal.

5.2 Palavras terminadas em O e U

Para gerar formas diminutas a partir de palavras terminadas em *o*, *u* é desencadeado um processo de semivocalização¹⁴. Assim, ocorre a resolução do hiato formado entre a vogal final do nome e a vogal inicial da segunda parte do afixo descontínuo {*xi-.....-ana*}. Segundo Langa (2013, p. 70), a regra de semivocalização pode ser formalizada da seguinte maneira:

/+sil, + rec/ → [-sil] / _ [+sil]

A formalização acima tem a seguinte leitura: um som com os traços distintivos [+ SILÁBICO, + RECUADO] realiza-se como [- SILÁBICO] diante de um som [+ SILÁBICO]. Observe essa regra em contextos reais nos exemplos abaixo:

¹⁴ Semivocalização, de acordo com Crystal (1980a), é o fenômeno que consiste na passagem de uma consoante a semivogal. Tal processo ocorre em posição de fronteira de sílaba e pode ser representada por esta sequência, por exemplo, típica de alguns dialetos do Brasil: *brasi[l]* >• *brasi[w]*. Para Langa, acompanhando Katamba (1989) e Hyman (1975), semivocalização é a perda do traço [+SIL] por um segmento vocálico (LANGA, 2013, p. 69).

O

(14a) *nholoko*
cabeça
“Cabeça”

(14b) *xi-nhlok^w-ana*
DIM.SG-cabeça-DIM
“Cabecinha”

(15a) *tinyo*
dente
“Dente”

(15b) *xi-tiny^w-ana*
DIM.SG-dente-DIM
“Dentinho”

(16a) *huko*
galinha
“Galinha”

(16b) *xi-huk^w-ana*
DIM.SG-galinha-DIM
“Galinhinha”

U

(17a) *mhunu*
pessoa
“Pessoa”

(17b) *xi-mhun^w-ana*
DIM.SG-pessoa-DIM
“Pessoinha”

(18a) *mbilu*
coração
“Coração”

(18b) *xi-mbili^w-ana*
DIM.SG-coração-DIM
“Coraçãozinho”

(19a) *ndlapfu*
elefante
“Elefante”

(19b) *xi-ndlap^f^w-ana*
DIM.SG-elefante-DIM
“Elefantinho”

Os exemplos (14) a (19) confirmam que há semivocalização no processo de resolução de hiato quando há diminutivização de palavras terminadas em *o*, *u*.

5.3 Palavras terminadas em -ANA

Para a diminutivização de nomes terminados em *-ana*, há a substituição desta sílaba final (*-ana*) pelo infixo <at>; além do acréscimo do morfema descontínuo {*xi-.....-ana*} ou {*svi-.....-ana*}, conforme o contexto exigir. Isso ocorre para não haver a repetição da segunda parte do

circunfixo; diferenciando, assim, as palavras da classe 7 e 8 terminadas em -*ana* dos seus respectivos diminutivos. Seguem os exemplos a seguir:

(20a) *muhongolwana*
golfinho
“Golfinho”

(20b) *xi-hongolw-at-ana*
DIM.SG-golfinho-SUBST-DIM
“Golfinho pequeno”

(21a) *nghwavana*
Prostituta
“Prostituta”

(21b) *xi-nghwav-at-ana*
DIM.SG-prostituta-SUBST-DIM
“Prostitutazinha”

Nos exemplos em (20b) e (21b) acima, podemos notar que, de fato, nos nomes que terminam em *-ana*, ocorre a substituição da terminação da palavra pelo infixo <at>. Como já dito, está substituição acontece na formação de palavras diminutas por intermédio do circunfixo estudado.

5.4.1 Palavras das classes 7 e 8 com mais de duas sílabas

Quando um nome pertence às classes 7 e 8, ele possui os prefixos {*xi-*} e {*svi-*}, singular e plural, respectivamente. Nestes contextos, ao se realizar a diminutivização morfológica, o primeiro item do morfema circunfixal ({*xi-/svi-*}) não é acrescentado ao complexo; evitando, assim, repetições desnecessárias. Apenas a parte final do morfema descontínuo ({*-ana*}) é inserida na palavra. Dessa forma, tanto as funções de marca de diminutivo quanto as funções de prefixo de classe são realizadas de forma sincrética em apenas um morfema, a saber: {*-ana*}. Nessa linha de investigação, as palavras pertencentes às classes nominais 7 e 8 tornam-se agramaticais ao receberem a parte inicial do morfema descontínuo {*svi-/xi-.....-ana*}, conforme os exemplos abaixo.

(22a) *xikoxa*
velho
“Velho”

(22b) *xikox(a)-ana*
velho-DIM
“Velhinho”

(22c) **xi-xikox(a)-ana*
DIM.SG-velho-DIM
“Velhinho”

(23a) *xipixi*
gato
“Gato”

(23b) *xipix(i)-ana*
gato-DIM
“Gatinho”

(23c) **xi-xipix(i)-ana*
DIM.SG-gato-DIM
“Gatinho”

(24a) svikoxa velhos “Velhos”	(24b) svikox(a)-ana velhos-DIM “Velhinhos”	(24c) * svi-svikox(a)-ana DIM.PL-velhos-DIM “Velhinhos”
(25a) svipixi gatos “Gatos”	(25b) svipix(i)-ana gatos-DIM “Gatinhos”	(25c) * svi-svipix(i)-ana DIM.PL-gatos-DIM “Gatinhos”

Os dados de (22) a (25) corroboram a afirmação segundo a qual quando um nome pertence às classes 7 e 8, para se gerar formar diminutas, apenas a parte final do morfema descontínuo é inserida na palavra.

5.4.2 Palavras monossilábicas das classes 7 e 8

Segundo Dimande (2012), nos nomes monossilábicos das classes 7 e 8, há o acréscimo e a repetição dos prefixos {xi-} ou {svi-} com o intuito de se garantir a estrutura -CVCV- da raiz, conforme os exemplos abaixo:

(26a) xíva casa “Casa”	(26b) xí-xív(a)-ana DIM.SG-casa-DIM “Casinha”
(27a) svíva casas “Casas”	(27b) svi-xiv(a)-ana DIM.PL-casa-DIM “Casinhas”
(28a) xípho lontra “Lontra”	(28b) xí-xiphw-ana DIM.SG-lontra-DIM “Lontrinha”
(29a) svípho lontras “Lontras”	(29b) svi-sviphw-ana DIM.PL-lontras-DIM “Lontrinhas”

Os exemplos de (26) a (29) mostram que quando as palavras possuem raízes pequenas a gramática permite que haja repetição dos prefixos {xi-} e {svi-}, garantindo a estrutura básica da palavra. Assim, cada morfema garante sua função: o prefixo indica a classe a que o nome pertence e o circunfixo marca o diminutivo.

5.6 Diminutivização lexical

Existem casos em Xirongha cuja formação de nomes diminutos ocorre por intermédio da diminutivização lexical, utilizando a palavra *ntrongo* “pequeno”. Ou seja, este item lexical independente irá atribuir o traço semântico [+ DIMINUTIVO] ao nome a que se refere. Note os exemplos abaixo.

(30a) <i>mamana</i> mãe “Mãe”	(30b) <i>mamana ntrongo</i> mãe pequeno “Mãezinha”
(31a) <i>tanana</i> pai “Pai”	(31b) <i>tanana ntrongo</i> pai pequeno “Paizinho”
(32a) <i>makwavu</i> irmão “Irmão”	(32b) <i>makwavu ntrongo</i> irmão pequeno “Irmãozinho”

Nos mesmos contextos em que a língua em análise faz uso da diminutivização lexical, a ocorrência da morfologia circunfixal gera construções agramaticais. Isto pode ser notado por meio da observação dos seguintes exemplos:

(33a) <i>mamana</i> mãe “Mãe”	(33b) * <i>xi-mam(a)-at-ana</i> DIM.SG-mãe-SUBST-DIM “Maezinha”
(34a) <i>tanana</i> Pai “Pai”	(34b) * <i>xi-tat(a)-at-ana</i> DIM.SG-pai-SUBST-DIM “Paizinho”
(35a) <i>makwavu</i> Irmão “Irmão”	(35b) * <i>xi-makwaviw-ana</i> DIM.SG-irmão-DIM “Irmãozinho”

Os exemplos de (33) a (35) revelam que os nomes que se tornam diminutivos por intermédio do item lexical *ntrongo* “pequeno” não podem

receber a morfologia circunfixal. Mais especificamente, ao que tudo indica, os processos de diminutivização morfológica e lexical encontram-se em distribuição complementar.

Em relação à semântica da forma diminuta gerada por intermédio da diminutivização lexical em Xirongha, de acordo com Chichaule (2014) em comunicação pessoal, a tradução dos exemplos de (30) a (32) remete ao significado “pequeno”, não em termos da pequenez do objeto nomeado, mas sim com acepção afetiva. Tal assertiva conforma-se à acepção hipocorística como referida em Debois (2001). Mais especificamente, em Xirongha, a forma diminuta formada pelo processo lexical é semanticamente semelhante à utilização da reduplicação silábica, como em *titi* e *papá*, e o emprego de afixos de sufixos diminutivos, tal como o sufixo {-*zinho(a)*} do Português.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, o objetivo foi descrever e examinar as construções diminutivas na língua Xirongha, a qual pertence ao grupo linguístico Bantu. Mostramos que, nesta língua, a diminutivização pode ser realizada por meio de duas estratégias básicas, uma morfológica e outra lexical. A primeira consiste no emprego dos morfemas circunfixais {*xi-.....ana*} e {*svi-.....ana*}. Essas unidades gramaticais denotam diminutivização no singular e no plural, respectivamente. Demonstramos que, de modo a atender ao Princípio de Contorno Obrigatório (OCP), para a realização da diminutivização no plural, o circunfixo {*svi-.....-ana*} é acrescentado aos substantivos no singular e não no plural. Notou-se ainda que como a língua em estudo não admite padrão monossilábico, o prefixo de classe é preservado com o intuito de se manter o padrão estrutural -CVCV-. Neste caso, a leitura quantitativa desse prefixo é neutralizada no processo morfofonológico; com isso, o OCP não é violado e duas formas superficiais poderão ser geradas constituindo-se em paráfrases temáticas (cf. BAKER 1988). Averiguamos, ainda, o comportamento da diminutivização de acordo com a terminação do tema nominal. Especificamente, as palavras terminadas *a*, *e*, *i* sofrem elisão da vogal final, as terminadas em *o*, *u* passam por um processo de semivocalização e aquelas cuja terminação é *-ana*

recebem o infixo <at>. Observou-se também, que nas palavras pertencentes às classes nominais 7 e 8 com mais de duas sílabas, apenas a parte final do morfema descontínuo pode ser adicionado, uma vez que elas já recebem os prefixos {xi-} ou {svi-}. Já quando os temas forem monossilábicos, nas classes 7 e 8, há acréscimo e repetição dos prefixos {xi-} e {svi-}, visando o padrão -CVCV- da raiz. Finalmente, no componente lexical, a língua recorre à palavra *ntrongo* “pequeno” com acepção afetiva (hipocorístico), conforme Debois (2010).

REFERÊNCIAS

BACHETTI, Cláudio. 2006. **Gramática da língua Ronga**. Paulinas Editorial. Maputo, 2006.

BAKER, Mark Cleland. **Incorporation: a theory of grammatical function Changing**. University of Chicago Press Chicago, 1988.

CHIMBUTANE, Feliciano. Rethinking Bilingual Education in Postcolonial Contexts. Volume 81. **Bilingual education and bilingualism**. Editora Multilingual Matters, Clevedon. United Kingdom, 2011.

CHILAULE, Stelio. **Arquivo Pessoal**. Não Publicado, 2014.

DE BELDER, Marijke, FAUST, Noam & LAMPITELLI Nicola. On a low and a high diminutive: Evidence from Italian and Hebrew. (2014) **The syntax of roots, the roots of syntax**. A. Alexiadou, H. Borer & F. Schaefer (eds.). Oxford, OUP, 2014.

DIMANDE, Ernesto. **A Morfofonologia da diminutivização em Xirongha**. Universidade Eduardo Mondlane. Dissertação de Mestrado inédita. 123 p., 2012.

DUBOIS, Jean et ali. **Dicionário de linguística**. 8ª Edição Tradução Frederico Pessoa de Barros. São Paulo. Cultrix, 2001.

GOLDSMITH, John. **Autosegmental phonology**. Ph.D. Dissertation, Cambridge, MA: MIT, 1976.

GREENBERG, Joseph Harold. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In **Universals of Language**. Cambridge: MIT Press, 1963. pp. 73–113.

GUTHRIE, Malcolm. **Comparative Bantu: an introduction to the comparative linguistics and prehistory of the Bantu languages**. 4 vols. Farnborough: Gregg Press, 1967-71.

HEINE, Bernd, VOSSEN, Rainer, LAMBERT, Michael. & REH, Mechthild. A Typology of African Languages. In **Recent German Research on Africa: Language and Culture**: Deutsche Forschungsgemeinschaft, Bonn, 1982.

HYMAN, Larry. 1975. **Phonology: Theory and Analysis**. San Francisco: Holt, Rinehart and Winston, 1975.

KATAMBA, Francis. **An Introduction to Phonology: Learning About Language**. London and New York, Longman, 1989.

203

LANGA, David. **Morfofonologia do Verbo em Changana**. Coleção: As Nossas Línguas X. Centro de Estudos Africanos (CEA) – Universidade Eduardo Mondlane. Maputo, 2013.

LEBEN, William. **Suprasegmental phonology**. PhD Dissertation, *Massachusetts Institute of Technology*, 1973.

MELLO E SOUZA, Marina. **África e Brasil africano**. Ed. Ática, 3a edição, 2013.
NGUNGA, Armindo. **Introdução à Linguística Bantu**. Imprensa Universitária. Faculdade de Letras e Ciências Sociais. Maput, 2004.

NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard. **The Bantu languages**. London: Routledge, 2003.

SANTIAGO, Joane de Lima. **Zoonimia Histórico-comparativa Bantu: Os Cinco Grandes Herbívoros Africanos**. Dissertação de Mestrado. Guajará-Mirim, Brasil: Universidade Federal de Rondônia. 226 p., 2011.